

O Jazz e o branco

Ivo Perelman lança seu 30º disco nos Estados Unidos e inaugura a mostra de artes plásticas *O Jazz e a Linha – Ouvindo o Branco pelos Olhos*, em São Paulo

CULTURAMÚSICA

A cena não poderia ser mais insólita, para não dizer indigesta. Em um réveillon em Los Angeles que marcava o final da década de 1980, o saxofonista paulistano Ivo Perelman atacou um solo para lá de radical em meio à plácida e palatável *Garota de Ipanema*. Foi a gota d'água, a mosca na sopa. **O público predominantemente norte-americano, em que pese a adorar filé mignon com lagosta, detestou bossa nova com guinchos, e Perelman entrou o ano-novo desempregado e disposto a voltar ao Brasil para retomar os estudos de Arquitetura.** Salvou-o o interesse que despertou em Marty Krystall, dono do selo ITM e entusiasta de free jazz. O resultado foi *Ivo*, estréia auspiciosa que contou com a participação dos brasileiros Airto Moreira, Flora Purim e Ellane Elias, além de astros norte-americanos, como o contrabaixista John Patitucci (Chick Corea), o tecladista Dan Preston (Frank Zappa) e o baterista Peter Erskine (Weather Report). De lá para cá foram mais 28 títulos – o 30º está em gestação –, sempre nesse gênero considerado não-música por alguns.

Arqueologia crítica

Nesse grupo, os brasileiros, embora detestem filé com lagosta, não podem ser incluídos já de cara – o respeito pelos “espaços sonoros” criados por nomes como Hermeto Pascoal, Sonic Youth, Naná Vasconcelos, Miles Davis, Tom Zé, King Crimson e Egberto Gismonti é uma prova de nossos ouvidos abertos.

Mesmo assim a discografia brasileira de Perelman pode ser considerada exígua. Em um trabalho de arqueologia crítica, a gravadora Atracção, depois de *Aquarela Brasileira* (1999), *En Adir* (1997) e *Sad Life* (1996), está lançando *The Alexander Suite* (1998) e *The Ventriloquist* (2002), dois discos representativos na carreira de Perelman. Enquanto *Alexander* marca a primeira colaboração do músico com um grupo de cordas, o C. T. String Quartet, *Ventriloquist* traz o único registro de outro instrumento de sopro – Louis Sclavis, clarone – em um disco do saxofonista.

Tal dedicação ao free jazz é facilmente explicável no caso particularíssimo de Ivo Perelman, hoje com 46 anos e que até os 15 era um menino prodígio do violão erudito. Para chegar ao sax tenor, o músico passou pelo cello, pelo piano, pela clarineta e pela Indefectível guitarra

elétrica. Estudou um tempo na igualmente indefectível Berklee (Boston) e há dez anos dedica-se com igual fervor às artes plásticas – Ivo estará exibindo seus trabalhos em São Paulo na Galeria Mônica Filgueiras, a partir de 26 de setembro, na mostra *O Jazz e a Linha – Ouvindo o Branco pelos Olhos*. **O 30º disco, que divide com o contrabaixista Dominic Duval, líder do quarteto C. T. – de Cecil Taylor, saxofonista ícone do free jazz, com quem Duval tocou –, conta com a participação de Flora Purim, que ficou feliz em reencontrar Ivo.** Está louca para “experimentar” de novo. Está na companhia ideal.



BERRANTE METÁLICO

Ivo mandou fazer um sax especial sem registros, capaz de guinchos inimagináveis